



Mineração, desenvolvimento urbano e organização do espaço na Chapada Diamantina

D.S. Giudice

Universidade Católica de Salvador – BA; Doutorando do NPGeo/UFS; dasegu@gmail.com

Abstract The urban development process always happens during any economic activity from which it's come from. Among those activities the mining process has become the one responsible for the grown up of many cities around the world, such Sudbury in Canada, and it is quite obvious in Brazil too at Bahia state as well. At the Chapada Diamantina study, located at the central portion of Bahia state, and it represents a homogenous region in Statistical and Information Planning Secretariat classification from Bahia state and 32 counties mainly form it, had its own development taken place by mining activities, mainly diamond one, which is one of the most important economic activity in the globe, as we can see in nowadays. The urban development point of question is quite connecting to the historical urbanization process, which it is by the way directly connected with the society development question. In accordance with Castell (1973), the name *urbanization* has two different means: a) Spatial inhabitants concentration, form certain density and dimension limits; b) valuable diffusion system, which it can be understand as attitudes and a kind of behaviour as *urban culture*. Such process it is been connect to mining process always. In accordance with Claval (1987), to understand the space organization is convenient to be in account the relations between the economic agents themselves. For them, around the “central market”, the production area has a regular group of homogeneous zones which when it is taken in a system of exchanges, its acts like as a functional unit, a broad organization which it most function feature is to be work as a main core. In such aspect, since XIX century on the highest top of diamond exploration, it starts together some “garimpos”, the urban core, the beginning of some cities, which became the main core for such activities as they grown up very fast, with much better constructions buildings, good local trade, industrialization as well and increasing on the population. In true, at this region doesn't have the beginning of any particular main core, but a main core, and the most significant place which it is called Lençóis, and other less expressive ones (Andaraí and Mucugê, among others), having in such way the escalating of those areas, growing up this way, like space pyramids polarized which represents many regions where economic trade is important as well. Those cities, like Lençóis, had its climax with the help of population increasing, lured by activity and has wake up some interest from international money, represented by French vice-consulate at this town. In such way the mining during the XIX and XX century had an important and prosperous role in the space organization at Chapada Diamantina region, that way being responsible for the occupation process taken into account for that portion of Bahia state and by the structural organization which taken place at the cities network as a whole. At the end of those short-lived diamond cycle, it comes the fall of these cities, but it had been installed already the network which would be the diamond's cities, which had urbanities characteristics by itself with respect to that time.

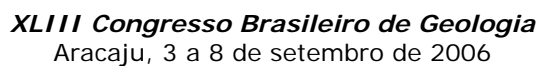
Keywords: mining, urban development, space organization.

INTRODUÇÃO O processo de desenvolvimento urbano sempre acontece respaldado por uma atividade econômica que o desencadeia. Dentre essas atividades, a mineração tem sido responsável pelo crescimento de muitas cidades no mundo, dentre elas Sudbury (Canadá), e é óbvio também no Brasil, e no estado da Bahia.

O nosso caso de estudo, a Chapada Diamantina, situada na parte central do estado da Bahia, compõe uma região homogênea dentro da classificação do Serviço de Estatística e Informação da Secretaria de Planejamento, do Estado da Bahia, constituída por 32 municípios (Fig. 1), e teve seu desenvolvimento alavancado pela mineração (principalmente de diamante), uma das atividades econômicas mais

importantes existentes no mundo, já que tudo ou praticamente tudo que necessitamos nos dias atuais, é mineral. Essa atividade atraiu muitos aventureiros.

A questão do desenvolvimento urbano está estritamente ligada ao processo histórico de urbanização que por sua vez introduz a problemática do desenvolvimento das sociedades. Segundo Castells (1973), o termo urbanização tem dois sentidos distintos: a) concentração espacial de uma população, a partir de certos limites de dimensão e de densidade, e b) difusão de sistemas de valores, atitudes, e comportamentos denominados “cultura urbana”. Esse processo está sempre ligado a uma atividade desencadeadora que nesse caso foi a mineração.





Segundo Claval (1987) para compreender a organização do espaço, convém levar em consideração as relações que se travam entre os agentes econômicos. Para ele, em volta do “mercado central”, as áreas de produção desenham um conjunto regular de zonas homogêneas que tomadas num sistema de trocas, constituem uma unidade funcional, uma organização regional do espaço cuja característica mais destacada é o papel do núcleo central.

Dessa maneira, no século XIX, com o auge da exploração de diamante, começaram a surgir, junto aos garimpos, os núcleos urbanos, embriões das cidades, que se tornaram centros dessa atividade e que tiveram um desenvolvimento urbano surpreendentemente rápido, com melhoria das edificações, consolidação do comércio, introdução de uma incipiente industrialização, além do crescimento demográfico. Na verdade, na região não houve a formação de um núcleo central único, mas um núcleo principal, mais importante (Lençóis), e outros menores (Andaraí e Mucugê, dentre outros), havendo assim a hierarquização dessas áreas, nascendo dessa forma, pirâmides de espaços polarizados que caracterizam todas as regiões em que a economia de troca ocupa um lugar importante. Dessas cidades, Lençóis teve seu apogeu, abrigando grande contingente populacional atraído pela atividade, e despertando interesse do capital internacional, representado pelo vice-consulado francês na citada cidade.

Dessa forma, a mineração no século XIX e XX teve papel preponderante na organização espacial da região da Chapada Diamantina, já que se estabeleceu como atividade econômica principal, sendo responsável pelo primeiro processo de territorialização pelo qual passou a região, e pelo modo como se estruturou a organização da rede de cidades.

O fim do efêmero ciclo do diamante levou a decadência das cidades, mas já havia sido instalada a rede do que viria ser chamada – as cidades do diamante – que guardavam traços urbanísticos que caracterizavam a época.

CONSIDERAÇÕES GERAIS Dentro do processo de expansão e ocupação do espaço na Bahia, o diamante pode ser considerado um dos motivos da colonização. Segundo Andrade (2000), crescimento econômico traz grandes transformações as áreas ocupadas, em grande parte, por populações migrantes que implantam uma economia nova, com cidades que se tornam expressivas, populacional e economicamente, em curto espaço de tempo.

Existem muitas divergências a respeito da data e local do achado dos primeiros diamantes na Chapada Diamantina, mas com certeza foi no ano de 1844 que se deu a primeira grande corrida garimpeira, responsável pelo processo de ocupação e surgimento das primeiras cidades. A maioria dos textos, entretanto, indica achados anteriores a essa data, variando de autor para autor. Quanto mais antigo o texto mais se consolida a possibilidade de achados no século XVIII, durante o auge da mineração do ouro, entre fins de 1720 – 30 até 1732 (Nolasco 2002).

Essa gema responsável pelo processo de territorialização da região, na época da colonização era obtida à flor da terra, nos cursos dos rios, com pouca ou nenhuma dificuldade.

Os diamantes brasileiros, especificamente da Chapada Diamantina e de Minas Gerais, foram por muito tempo, vendidos como indianos, ameaçando seu preço na Índia, o mesmo que ocorreu com a África do Sul, quando descobertos os diamantes da Província do Cabo. A descoberta do uso industrial do diamante e do carbonado foi o sustentáculo do mercado no Brasil. (Bandeira 2006).

A questão urbana não pode ser enfocada sem se destacar a história do processo de urbanização que, por sua vez, introduz a problemática do desenvolvimento. Isto quer dizer que fica claro que o processo de formação das cidades é a base das redes urbanas e condiciona a organização social do espaço, que quase sempre se detém na taxa de crescimento demográfico, ligando num mesmo discurso ideológico a evolução das formas espaciais de uma cidade e a difusão de um modelo cultural sobre a base de uma dominação política.

A criação e ocupação das cidades e vilas da Chapada Diamantina é fruto direto da exploração do diamante. Antes da descoberta dessa pedra preciosa a região era vagamente povoada e ainda comandada pelos índios Maracás, que respondiam com violência à chegada de estranhos. A agropecuária praticada nas grandes fazendas era a atividade econômica principal. No século XVIII, por volta de 1710, foi descoberto ouro no sul da Chapada, próximo ao Rio de Contas pequeno. Naquela época surgiram as vilas de Rio de Contas e Jacobina. Mal o ouro havia se esgotado, as pedras preciosas foram descobertas. A exploração do diamante começou após a expedição dos naturalistas alemães Spix e Martius, em 1820, que confirmou o potencial diamantino da Serra do Sincorá, levando centenas de garimpeiros para lá.

Antes de 1842/44, os povoamentos existentes na região eram Mucugê (Santa Isabel do Paraguaçu), Campestre (atual Seabra), e Cocho do Malheiros (atual Nova Redenção). Com o início da corrida garimpeira, em menos de 5 anos, já se encontravam de



pé os núcleos de Lençóis, Palmeiras, Andaraí e Xique-Xique do Andaraí, hoje Igatu, e Campos de São João (atual Itaetê), o primeiro deles. Dessa forma se estrutura a rede das cidades do diamante (Fig. 1).

Conforme o crescimento das vilas e povoados, casas de taipa ou adobe eram erguidas. Como nas cercanias de Xique-Xique do Andaraí não havia material argiloso suficiente, os garimpeiros do lugar lançaram mão do único material disponível e construíram suas casas de pedras (Sales 1994). O dinheiro que corria à solta nas lavras atraía gente de todos os lugares: aventureiros, sertanejos que abandonavam as lavouras, fugitivos da justiça, donos de escravos, prostitutas, comerciantes, capangueiros, garimpeiros oriundos do Arraial do Tijucu, atual Diamantina, e tantos outros.

Dentre as cidades que mais se desenvolveram, destaca-se Lençóis que surgiu em meados do século XIX, como extensão da descoberta de jazidas de diamantes na região de Mucugê (Fig. 1). Contam os antigos (Teixeira 1998) que por volta de 1844 o Senhor Cazuza do Prado e o seu escravo vieram de Mucugê para descobrir diamantes. O escravo encheu os piquais e o senhor mandou o pajem vendê-los na Chapada Velha. O homem foi então preso como ladrão de estrada, mas sabida a história, o povo partiu em busca da nova lavra. Essa corrida fazia com que, quem chegasse à época poderia ver de cima da serra os tetos das barracas estendidas, como se fosse uma verdadeira "**cidade de lençóis**", daí a origem do nome. A notícia da descoberta propagou-se mais ainda e para lá vieram aventureiros de toda a parte da Província. Alguns de poucos recursos, outros abastados, opulentos e com grandes posses, inclusive numerosa escravatura, mas todos com o mesmo ideal: adquirir riquezas na **Cidade de Lençóis**.

O garimpo era um local típico nas lavras diamantinas com seus ranchos, suas bateias e outros instrumentos peculiares à região e utilizados na busca de diamantes e carbonatos desde os primeiros tempos de mineração. Em algumas planícies, leitos de rios, riachos e ainda nos canais naturais ficam as jazidas dos diamantes. O diamante era o rei das pedras e lá nos garimpos, os homens trabalhavam intensamente ao som do disco giratório e do bater rítmico das águas na roda que impulsionava a indústria e fazia brilhar ainda mais as gemas que serviam de adereço às damas da nossa sociedade, e fazia a expansão das cidades do entorno.

No auge do ciclo, Lençóis foi a maior produtora mundial de diamantes, posição hoje ocupada por Angola. A riqueza gerada com a mineração do diamante possibilitou na época a importação de moda, estilo e novidades da Europa. A importância do pólo era tanta, que nesse tempo o governo francês instalou

um consulado na cidade para facilitar a importação das pedras. Como a pedra era abundante, outras cidades também se desenvolveram como Andaraí, Mucugê, Xique-Xique do Andaraí, Palmeiras, Guiné e Caeté-Açu.

Assim, Lençóis passou a ter vários cognomes e se tornou a "capital das Lavras", e passou a ser apontada como "Vila Rica da Bahia", sendo o centro concentrador da rede, e o ponto de referência e de irradiação das demais localidades. Ainda segundo Teixeira (1998) depois de todo esse progresso, porém, a região transformou-se no maior centro do coronelismo e da jagunçada.

É importante destacar também a exploração do carbonato na Chapada Diamantina. Inicialmente desprezado pelos garimpeiros, a partir de 1871 foi disputado a altos preços pelos países europeus, interessados em elementos resistentes para as máquinas e construções que alavancavam a Revolução Industrial (Rocha 1984).

Segundo Nolasco (2002), o ciclo do diamante na região, teve seu primeiro pico nas duas ou três primeiras décadas pós descobrimento oficial (1842-44). Desde então enfrentou três declínios e duas altas, num lento processo de desaparecimento da atividade, com o esgotamento da lavra, no nível de conhecimento geológico atual que se tem da área, o que provocou o desmoronamento da economia.

No Sertão baiano, homem valente já foi sinônimo de jagunço. Lutador por ideal ou profissão, jagunço não era o mesmo que cangaceiro. Era soldado sertanejo, a serviço de uma causa e de um chefe, que desconhecia o medo no campo de batalha. Horácio de Matos, que dominou a região das Lavras Diamantinas, foi o último e o maior de todos os chefes dos jagunços. O próprio governo de Epitácio Pessoa foi obrigado a assinar com ele um acordo de pacificação, e a Coluna Prestes teve de mudar sua rota depois que invadiu os seus domínios.

Com o fechamento do garimpo, a partir de meados do século passado, a região enfrentou uma grande crise econômica, pois deixou de existir sua principal atividade econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS É indiscutível a importância da mineração na organização do espaço regional na Chapada Diamantina, tendo em vista ser a região um espaço praticamente desabitado até então. Na época, muito mais que atualmente, a concentração da população era nas áreas litorâneas, por questões históricas. Havia a preocupação com a ocupação do interior, mas faltavam atrativos para tal. Assim, a mineração, não só na Bahia, mas também em Goiás e Mato Grosso teve o papel de agente "apropriador" do espaço. Dessa forma, ao se estabelecer em diversas



áreas de garimpo, o garimpeiro fez nascer a necessidade de uma infra-estrutura que atendesse as suas necessidades básicas, capitaneada pelo comércio, que por sua vez atraiu a infra-estrutura político-administrativa. Esse fato levou ao surgimento e desenvolvimento das cidades que se multiplicaram para dar sustentação à atividade, já que as vias de circulação eram precárias, e se fazia necessário um local onde se concentrassem as atividades indispensáveis ao sustento dos garimpos, principalmente o comércio, que poderia ser de gêneros

alimentícios, ou de comercialização dos diamantes, além de outras atividades eminentemente urbanas. Nesse contexto se criam as redes de comunicação tais como estradas, telégrafo, correio etc., que consolidaram a ocupação e deram uma nova dinâmica a região, integrando-a, ainda que parcialmente à província, ao território nacional e até ao mundo, tendo em vista que o capital internacional estava presente, pois era grande o número de estrangeiros, principalmente europeus que circulavam na região.

Referências

- ANDRADE M.C. 2000. *A trajetória do Brasil* (de 1500 a 2000). São Paulo: Contexto.
- BANDEIRA R.L. 2006. *Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA.
- CASTELLS M. 1973. *La Question Urbaine*, Ed. François Maspero, Paris,
- CLAVAL P. 1987. *Geografia do homem: cultura, economia e sociedade*. Coimbra (Portugal): Almedina.
- NOLASCO M.C. 2002. *Registros geológicos gerados pelo garimpo, Lavras Diamantinas – Bahia*. Porto Alegre: UFRGS, tese de doutorado.
- ROCHA G.A. (org.) 1984. *Garimpos e garimpeiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.
- SALES F. 1994. *Memória de Mucugê*. Salvador: Egba.
- TEIXEIRA C. 1998. *Mineração na Bahia: ciclos históricos e panorama atual*. Salvador: Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 208 p. il.